

O ADOLESCENTE E AS DROGAS PSICOATIVAS: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL¹**THE ADOLESCENT AND THE PSYCHOACTIVE DRUGS: A CONCEPTUAL APPROACH****EL ADOLESCENTE Y LAS DROGAS PSICOACTIVAS: UNA ABORDAJE CONCEPTUAL**LEILA MEMÓRIA PAIVA MORAES²VIOLANTE AUGUSTA BATISTA BRAGA³

As drogas causam prazer e fascínio ao usuário, e o adolescente apresenta diversas características que potencializam a busca desse prazer. Objetivamos analisar reflexivamente os conceitos relativos à problemática do uso de drogas por adolescentes e a relação desse uso com a violência e o prazer. Estudo realizado a partir da análise e discussão de alguns conceitos apresentados na literatura nacional relativos ao uso de drogas por adolescentes. Deparamo-nos com conceitos específicos que são imprescindíveis no cotidiano da docência e da assistência ao dependente químico, contribuindo na formação dos profissionais da área.

UNITERMOS: *Transtornos relacionados ao uso de substâncias; Violência; Adolescente.*

The drugs bring pleasure and fascination to the user, and the adolescents have several characteristics that increase the search for this pleasure. We aim at analyzing reflectively the concepts related to the problem of use of drugs by adolescents and the relationship between this use and the violence and pleasure. Study conducted from analysis and discussion of some concepts related to the use of drugs by adolescents presented in the national literature. We found out specific concepts that are indispensable to educational everyday life and to the assistance of drug addicts, contributing to the development of professionals in the area.

KEY WORDS: *Substance-related disorders; Violence; Adolescent.*

Las drogas ocasionan placer y fascinación al usuario, y el adolescente presenta diferentes características que potencializan la procura de ese placer. Objetivamos analizar y reflexionar los conceptos tocantes a problematización del uso de drogas por adolescentes y la realación de ese uso con la violencia y el placer. Estudio realizado a partir de la análisis y discusión de algunos conceptos presentados en la literatura nacional referentes al uso de drogas por adolescentes. Nos ponemos a delante de conceptos específicos que son necesarios en el cotidiano de la docencia y del amparo al dependiente químico que se ha contribuido en la formación de los profesionales del campo.

PALABRAS CLAVES: *Transtornos relacionados com substancias; Violencia; Adolescente.*

¹ Texto produzido a partir da dissertação de Mestrado defendida em março/2003 no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem – FFOE/UFC.

² Enfermeira. Mestre em Enfermagem em Saúde Comunitária. Professora Substituta do DENE/FFOE/UFC. E-mail: leilamp@bol.com.br

³ Enfermeira. Doutora em enfermagem. Docente da Graduação e Pós-graduação do DENE/FFOE/UFC. E-mail: vivi@ufc.br

INTRODUÇÃO

O processo de massificação do uso das drogas psicoativas pela sociedade traz, em sua origem, determinantes de ordem socioeconômicas e culturais, próprias do mundo contemporâneo. Pela complexidade desta problemática, temos que discutir suas mazelas e as formas de combatê-la, olhando de frente, sem falso moralismo, sem preconceitos ou quaisquer outras justificativas. Somente dessa forma é que podemos nos apropriar com mais clareza do assunto e de possíveis soluções para a problemática decorrente.

Sabemos que o uso e/ou abuso de drogas psicoativas vem tomando grandes proporções, sendo considerado um problema de saúde pública, acometendo todas as faixas etárias, níveis sociais, sem distinção de gênero, deixando de ser uma questão local ou mesmo nacional, rompendo todas as fronteiras e globalizando-se.

Chamamos a atenção para o uso abusivo de drogas entre os adolescentes estudos realizados evidenciam que o uso indevido de drogas dá-se cada vez mais cedo (por volta dos dez anos de idade), em ambos os sexos.¹

No entanto, não podemos negar que as drogas causam prazer e fascínio ao usuário e principalmente ao adolescente o qual apresenta diversas características que potencializam a busca desse prazer, passando a falsa impressão de viver a vida intensamente, não se importando com os riscos que correrão. A crença na onipotência e curiosidade são características inerentes a esta fase que favorecem a busca de prazer. Deste modo, eles findam por se tornarem presa fácil ao primeiro contato, marcando o início de conturbada e difícil fase em suas vidas e de suas famílias.

Nossa preocupação volta-se para esses adolescentes por considerarmos que ao vivenciarem em uma fase de transição, esta se traduz em um momento de crise, caracterizada pela metamorfose à qual são submetidos na passagem entre a infância e a vida adulta. E foi sobre essa relação do adolescente com drogas psicoativas que nos debruçamos nesse estudo, procurando fazer uma revisão conceitual do que a literatura traz sobre o assunto. Esse estudo é parte da dissertação de mestrado que teve como temática central a dependência química em adolescentes e a associação que esses fazem entre droga, violência e prazer.²

Diante das evidências desta problemática, esta revisão de literatura mostra-se relevante para uma aproximação ao tema, por buscar na literatura conceitos e aspectos que poderão contribuir para um maior conhecimento e desmistificação, possibilitando a intervenção mais adequada e em vários níveis de prevenção, auxiliar na abordagem ao dependente químico que vivencia os desajustes físicos, mentais e sociais decorrentes do uso e/ou abuso de drogas psicoativas e pela necessidade de encarmos o adolescente usuário de drogas psicoativas como alguém que precisa de atenção, merecendo dos familiares, profissionais de saúde e sociedade respeito e atenção.

Objetivamos com o estudo analisar reflexivamente os conceitos relativos à problemática do uso de drogas por adolescentes e à relação desse uso com a violência e o prazer.

METODOLOGIA

Estudo de natureza teórica, realizado a partir da análise reflexiva de algumas áreas temáticas, apresentadas na literatura nacional, relativas ao uso de drogas, onde procuramos fazer uma revisão conceitual sobre a problemática, destacando-se as seguintes temáticas: Compreendendo o uso de drogas na sociedade; A adolescência; Uso de drogas entre adolescentes. Estes temas foram escolhidos por considerarmos que possibilitaram uma aproximação ao nosso objeto de estudo, o qual buscou a apreensão dessa problemática junto a grupo de adolescentes institucionalizados.

Esta pesquisa foi realizada por meio de consulta à literatura de enfermagem psiquiátrica, medicina, saúde mental e direito, além de dicionário da língua portuguesa. O processo constou de leituras, fichamentos, análise crítica dos textos e seleção dos conceitos (drogas, uso e/ou abuso de drogas, dependência química, toxicologia social e adolescência) pertinentes à temática. Os conceitos foram analisados reflexivamente, buscando-se, sempre, uma associação com a realidade estudada.

O USO DE DROGAS PSICOATIVAS COMO PROBLEMÁTICA NA SOCIEDADE ATUAL: ABORDAGEM NA ADOLESCÊNCIA

A problemática das drogas parece ocupar um cenário maior do que possamos imaginar. A complexidade do

tema, uso de drogas psicoativas, é perpassada por questões socioeconômicas, culturais e familiares.

Na atualidade, o uso de drogas assume proporções tão significativas que chega a ser considerado um problema de saúde pública, preocupando os vários segmentos sociais, e levando a união de forças entre governos de vários países, na busca de soluções conjuntas.

Entre os vários determinantes envolvidos no acesso e disseminação do uso de drogas, podemos destacar o econômico, onde as condições do tráfico de drogas geram riquezas e, algumas vezes, mostram-se como a única condição de subsistência. Tendo em suas origens a profunda desigualdade social, o desemprego, o analfabetismo e a miséria, passando o tráfico a ser fonte de renda para muitas pessoas, fazendo parte da economia global e tornando-se o sustentáculo econômico de diversos grupos sociais, dificultando uma abordagem mais efetiva que possibilite o controle.

Visando uma melhor compreensão do estudo apresentaremos a seguir as seguintes temáticas, respectivamente: Compreendendo o uso de drogas na sociedade, A adolescência e o Uso de drogas entre adolescentes.

Compreendendo o uso de drogas na Sociedade

O consumo de substâncias psicoativas (lícitas e ilícitas) é entendido, também, como um fenômeno histórico e cultural, pois, desde a antiguidade, na maioria das civilizações mundiais, a história tem mostrado que o homem procura o alívio da dor e das preocupações, o prazer e sua transcendência. Um dos meios mais utilizados para atingir este objetivo tem sido o uso de drogas, principalmente por adolescentes.

No uso de drogas, a mistificação é algo que deve ser levado em consideração por quem estuda esta temática. A droga, ao mesmo tempo, exerce fascínio e provoca medo ao usuário, pois enquanto causa êxtases prazerosos, provoca também estados de depressão subseqüentes³.

A palavra droga, no senso comum, tem significado ruim, desagradável, de pouco ou nenhum valor. Para a comunidade científica, essa palavra tem o mesmo significado que remédio. “[...] o termo droga originou-se da palavra *droog* (Holandês), que significa folha seca, pois antigamente os medicamentos eram à base de vegetais.

Mas hoje, devemos entender como droga, toda substância química que, introduzida no organismo, altera uma ou mais funções”^{4:20}

O Ministério da Saúde faz alusão às drogas como sendo substâncias psicoativas ou psicotrópicas, que produzem alterações no sistema nervoso central do indivíduo e, conseqüentemente, nos seus padrões comportamentais e emocionais.⁵

A legislação vigente classifica as drogas em lícitas ou ilícitas. Porém, é válido lembrar que em nosso país, para a venda e consumo de drogas lícitas, como fumo, álcool e solventes, não existe controle sanitário eficaz.

O termo “uso de drogas” é mais aplicado às substâncias lícitas, como o álcool, benzodiazepínicos e anfetaminas, usados moderadamente e aceitos socialmente. Já o termo “abuso”, denota o uso incorreto e excessivo de uma droga psicoativa, resultando em prejuízos para a saúde mental e física do usuário e não aceito socialmente. Existe distinção entre os termos uso e abuso, embora essa distinção não apresente limites claros e definidos. O uso e abuso de drogas é um processo gradual e contínuo, existindo primeiro um deslizar imperceptível e inconsciente do uso ao abuso. Infelizmente, a experiência mostra que do uso ao abuso não há mais que um passo⁶. Porém, é válido lembrar que o uso de drogas não leva, necessariamente, ao abuso ou dependência.

Quanto à frequência do uso das drogas, segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), podemos classificar os usuários em quatro tipos: “[...] – o experimentador – limita-se a experimentar uma ou várias drogas (ou substâncias), por diversos motivos. Na grande maioria dos casos, o contato com a substância não passa das primeiras experiências;– o usuário ocasional – utiliza um ou vários produtos, de vez em quando, se o ambiente for favorável e a droga disponível. Não há dependência nem ruptura das relações afetivas, profissionais e sociais;– o usuário habitual – faz uso freqüente de drogas. Em suas relações já se observam sinais de ruptura. – o usuário dependente ou disfuncional – vive pela droga e para a droga, quase exclusivamente”^{7:43}

Embora seja uma classificação padronizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), discordamos, em parte, apesar da frequência do uso de drogas ser um aspecto importante na hora de traçar o plano de intervenção

no usuário. Este tipo de classificação mostra-se preconceituosa e estigmatizante, vindo reforçar a forma como a sociedade, em geral, trata diferentemente pessoas que consomem bebidas alcoólicas somente uma vez por semana, por exemplo, daquelas que mantêm esta prática diária; como também pessoas que esporadicamente usam maconha em relação àquelas que apresentam maior dependência.

Outro aspecto importante a frisar é a diferença de tratamento dado às pessoas que usam somente drogas lícitas, como o fumo e álcool, daquele reservado às que utilizam drogas ilícitas, sendo estas últimas, comumente, vistas e tratadas como pessoas perigosas, ameaçadoras à sociedade, necessitando, assim, de maiores cuidados. Compreendemos isso como uma forma preconceituosa de visualizar a questão das drogas, pois, pensar em perigo denota, de alguma forma, em nossas mentes, violência e o álcool, que é uma droga lícita, é tão causadora de episódios violentos quanto as drogas ilícitas.

A dependência química pode ser conceituada como: “[...] patologia complexa e controvertida na qual as causas e conseqüências são amplas e relacionadas com aspectos orgânicos, emocionais, sociais e até espirituais”^{8:24}.

Para avaliarmos se alguém é dependente químico, devemos analisar sua vida, através de sete itens que devem ser utilizados como critério de avaliação. Havendo a presença de três ou mais destes durante um período de doze meses, fica caracterizado o estado de dependência. Esses itens podem ser descritos da seguinte forma: “[...] 1) Compulsão pelo uso; 2) Consciência da compulsão; 3) Consumo além do pretendido; 4) Tentativa sem sucesso para reduzir a quantidade de consumo; 5) Diminuição do tempo dedicado ao lazer, trabalho ou escola para obter ou consumir psicoativos; 6) Consumo para aliviar abstinência; 7) Necessidade de aumentar as doses para obter o mesmo efeito”^{9:113}.

Profissionais de saúde e de outras áreas de conhecimento precisam estar preparados para atuar na farmacodependência com grupos de adolescentes, caso contrário poderão ocorrer problemas, como marginalização, criminalidade ou até morte. Não que esse grupo esteja ligado ao mito das classes perigosas, mas porque o fato de ser um toxicômano, já predispõe a facilidade de problemas como esses, tudo por conta da violência, algo constante no dia-a-dia das drogas. Gostaríamos de frisar a importância da enfermagem ao atuar com grupos de adolescentes, visto

que, enquanto profissão da área da saúde ela também tem seu enfoque social.

A toxicologia social é a área da toxicologia que estuda os efeitos nocivos decorrentes do uso não médico, de fármacos ou drogas, causando danos ao indivíduo e à sociedade, apresentando alto potencial para induzir à dependência. Entretanto, nos últimos 20 anos, houve uma radical mudança na base científica da farmaco-dependência, que passou a dispor de drogas sintéticas cada vez mais potentes e devastadoras para o usuário.¹⁰

Atualmente, já existe uma droga para cada comportamento, mas, em nosso país, a maconha é ainda a droga ilícita mais tolerada pelos diversos setores, apesar do surgimento do crack, da cocaína, da heroína ou ecstasy, quadruplicando seu uso em apenas dez anos, sendo o aumento de consumo maior entre adolescentes e jovens na faixa dos 16 aos 18 anos.¹¹

Acreditamos que o aumento de consumo deva-se ao fácil acesso à maconha, como também, ao baixo custo, comparado a outras drogas ilícitas, já que: “[...] uma grama de cocaína custa o equivalente a uma grama de ouro”.^{12:74}

Sobre o consumo de substâncias psicoativas de uso ilícito por adolescentes escolares nas diferentes classes sociais, há um papel praticamente idêntico em todas elas, onde as maiores taxas de prevalência de consumo situam-se naquelas mais favorecidas e as menores taxas em classes desprotegidas.¹³

Diante disso, fica claro que há realmente um mito de que as classes econômicas e sociais menos favorecidas sejam aquelas que mais consomem drogas, ou seja, aquelas que apresentam um grande potencial de risco para o restante da sociedade. Mais uma vez surge um mito das classes perigosas, o que não é verdade.

Contrárias a essa prática, autoridades mundiais estão preocupadas, neste início de milênio, tanto com os limites que o tráfico de drogas vem ultrapassando, como também com o perfil do usuário que vem se delineando nos últimos anos. Aliado a isso, o mercado da loucura e delírio vem surgindo na cartilha da economia globalizada, reduzindo custos e pessoal, como qualquer outra atividade capitalista, além de ter descoberto como segmentar e frutificar seu público.¹¹

Por outro lado, as intervenções governamentais não caminham de forma tão eficiente e rápida, comparadas ao

tráfico. Fatores influentes agravam-se a cada dia, como desigualdade social, violência, falta de perspectiva de vida, desemprego, falta de acesso a serviços básicos, como saúde e educação, dificultando a solução do problema. Na maioria das vezes, as ações de assistência definidas pelo Estado findam por se constituírem de estratégias radicais e repressivas, colocando no mesmo nível o traficante e o usuário, discriminando, ainda mais, os usuários, em especial os adolescentes.

A Adolescência

A adolescência compreende uma fase do ciclo vital de consideráveis mudanças e ao realizarmos estudos abordando esta temática é imprescindível caracterizarmos esta fase de vida da espécie humana, resgatando conceitos visando uma melhor compreensão.

É importante esclarecer que, ao contrário do que muitos pensam e expressam, ser adolescente não é sinônimo de ser pessoa perigosa ou considerada de risco para a sociedade, mas, alguém que passa por um período de inúmeras descobertas que pode ser tranqüilo ou turbulento. Dentre as inúmeras características dessa fase podemos citar: 1 – O jovem vê-se diante da necessidade de crescer, deixar de ser criança e assumir o mundo e postura de adulto; 2 – Tem medo desta responsabilidade e, além disto, encontrará a resistência de seus pais e da sociedade para percorrer o caminho de sua independência; 3 – Necessitará libertar-se das amarras com a família para poder alçar vôo; 4 – Passará a ser crítico e questionador do mundo à sua volta.

A adolescência é um estágio característico da espécie humana cujas manifestações e duração são muito variadas.¹⁹

Essa fase pode ser definida como sendo “[...] período que vai da puberdade, quando começam a aparecer os caracteres sexuais secundários, até os 18 anos, momento da maioridade legal. O termo “adolescente” não é, portanto, um fenômeno de precisão: tanto pode se aplicar a um garoto de 10 anos quanto a um adulto de 18”^{20:15}.

Outro aspecto característico dessa fase é o inconformismo, a ânsia em protestar ou transformar algumas normas e regras já contidas na sociedade. O inconformismo de se achar em uma sociedade contraditória gera conflitos

e confusão. “A adolescência é uma fase de mutação (...) o adolescente, passa por uma mudança a respeito da qual não consegue falar e, para os adultos, ele é objeto de questionamento que, conforme os pais, é carregado de ansiedade ou cheio de indulgência”^{21:18}.

Nesse período de tantas transformações, o adolescente se vê confrontado com um mundo sedutor e desconhecido, um mundo que fascina, mas também, assusta por seus vários convites. Entre esses, o apelo das drogas é, certamente, um dos mais frequentes. Entendemos que se o adolescente tiver tido uma infância tranqüila, permeada por relações amistosas com a família, especialmente com os pais, tendo-lhe sido impostos limites, porém sem atitudes radicais e precipitadas, certamente será um adolescente que apresentará menor tendência a entrar em contato com as drogas. “[...] se o púbere estiver psicologicamente bem, não estará tão “despido” nem necessitará de posicionamentos tão radicais”^{12:54}.

Devido à complexidade do trabalho com usuários de drogas psicoativas, o mesmo deve ser contínuo e os atores envolvidos no processo deverão ter persistência e paciência diante dos resultados alcançados. Essa ação deve contemplar os níveis de prevenção, promoção e reabilitação da saúde do dependente, dando ênfase, entre outras coisas, à conscientização quanto aos malefícios para a saúde biopsicosocioespiritual do cliente, pois como mostra a literatura e os usuários confirmam, as drogas são substâncias prazerosas no momento de sua utilização, não importando o que vem depois.

O adolescente é mais vulnerável ao uso de drogas, pois nesta fase da vida o mesmo busca sua identidade pessoal, vivencia um meio caminho entre a independência pessoal e a dependência dos pais, com comportamento, geralmente, pseudo-emancipador, tornando-se necessária uma atuação mais intensa de profissionais da saúde.²²

Os iniciantes podem vir a achar que os malefícios das drogas não são reais, já que encontram prazer no uso, como também podem não conviver com pessoas que apresentam sintomas prejudiciais pelo uso abusivo, dificultando o reconhecimento do prejuízo que tais substâncias provocam. A isto se une o fato do jovem ser um experimentador por natureza. Experimenta seu corpo, sua força, sua capacidade de ser livre, de poder experimentar o desafio, o proibido e quebrar tabus.

O Uso de Drogas entre Adolescentes

Diante de todos os fatores que caracterizam esta fase do ciclo vital é nítida a vulnerabilidade do adolescente frente aos fatores de risco. Dentre estas diversas situações de risco na adolescência, destacam-se: a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e a violência e o contato com as drogas¹⁴.

No entanto, a abordagem dessa relação entre drogas e práticas inseguras de sexo é algo complexo, devido à magnitude e especificidade de cada tema. “[...] há uma complexa relação entre consumo de substâncias psicoativas e prática de sexo desprotegido, que merece atenção especial nas ações de prevenção e deve ser abordada entre os(a) jovens, devido à magnitude da epidemiologia no País”.^{9:115}

Diga-se de passagem, que onde a droga está presente, há grandes chances de episódios de violência, não esquecendo que a vivência da violência propicia o consumo de drogas por adolescentes.

Grande parte dos estudos realizados sobre o uso de drogas por adolescentes do qual temos conhecimento revelam que, inicialmente, a droga é utilizada como algo indispensável para conquistar a aprovação de seus companheiros de consumo, satisfazer curiosidades sobre efeitos, aliviar o tédio, tensão, ansiedade ou mesmo como forma de fuga, sendo este último fator, talvez, um dos mais vivenciados por estes adolescentes. A fuga da realidade socioeconômica, do medo, da violência e da incerteza diante do futuro.

A busca do prazer move esses adolescentes e eles estão cada vez mais, “[...] minimizando os riscos e maximizando o prazer, em posição frontalmente oposta à sociofamiliar, que minimiza (e até mesmo nega) o prazer e maximiza os riscos. Em ambos os extremos existem inverdades e muitos preconceitos”.^{12:55}

O uso de drogas por adolescentes [...] sustenta-se na busca de uma sociedade justa e igualitária, em oposição ao modelo excludente que privilegia o individualismo e a fragmentação social em classes ou grupos”.^{15:06}

Concordamos com a idéia do autor, mas, gostaríamos de esclarecer que o uso de drogas nem sempre é sustentado nesses aspectos que ele enfatiza, mas, muitas vezes, na busca de prazer, curiosidade e auto-afirmação, pois não podemos negar que as drogas causam prazer.

Esse prazer que a droga proporciona vem após a substância atingir o cérebro, e dura enquanto ela estiver no organismo, sendo sucedida por uma sensação de vazio, de não realização, isolamento ou depressão. Com o passar do tempo, esse prazer diminui, instalando-se a tolerância, na qual o indivíduo necessita de doses maiores e de drogas mais fortes, criando-se uma relação erótica com o tóxico.

Todavia, observamos que em todos esses anos exercitou-se uma prática de violenta exclusão social, destacando-se a grande influência da linguagem médica e terapêutica que fala de adolescentes “doentes”, postura revestida por uma visão preconceituosa e estigmatizante.

Entretanto, sabemos que a lei, por si só, não resolverá questões como essas, sendo necessária a intensa participação de profissionais de várias áreas e da sociedade como um todo, pois é inadequado tratar esses adolescentes que fazem uso e abuso de drogas ou que estejam em situações de risco como caso de polícia. Mesmo quando ao uso de droga somam-se práticas de infrações, temos que considerar o problema, relacionando-o a outros fatores resultantes da patologia social, do abandono, da ausência de serviços e cuidados especializados, da desorganização pessoal e da desesperança.

Acreditamos que desviar a atenção do adolescente do uso de drogas não é uma tarefa fácil, principalmente quando pais e profissionais de saúde responsáveis pela prevenção, recuperação e socialização desses meninos e meninas utilizam o medo como forma de afastá-los das drogas. No setor da saúde é muito comum os profissionais lançarem mão da pedagogia do medo para orientar/educar/tratar os pacientes.¹⁶

As crianças e os adolescentes, por apresentarem um grau maior de vulnerabilidade e dependência, são vítimas mais freqüentes da violência. Portanto, de acordo com um estudo divulgado pela Secretaria do Trabalho e Ação Social do Estado do Ceará, nada justifica que uma pessoa maltrate ou ameace outra, ou seja, pratique um ato violento. O estudo refere ainda que o primeiro passo para acabar com a violência é sair da situação assim que percebemos que a relação que estamos vivendo é ruim ou desigual. Porém, para o adolescente, sair de um ato de violência após ser agredido sem tentar agredir o outro, seja através da violência física ou verbal, é o fim. Para eles isso é inconcebível, pois fica a impressão de fraqueza caso não haja revanche.¹⁷

Drogas e violência podem estar juntas, e violência remete a muitas coisas ruins, como o crime. Por isso, perguntamos como anda a questão legal para o usuário de droga. A lei nº 6.368/76, de 21 de outubro de 1976, que dispõe sobre prevenção e repressão ao tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica, embora ainda em vigor, não está de acordo com a tendência atual da ciência, pois a moderna abordagem do uso indevido de drogas considera o usuário dependente portador de doença que necessita de tratamento, enquanto a lei ainda o vê como criminoso¹⁸. Portanto, ao impor sanção penal ao dependente, com todos os ônus que um processo penal e suas repercussões possam acarretar, a lei está não só afetando a dignidade do indivíduo e comprometendo o seu tratamento, mas também dificultando iniciativas de redução de danos.

Diversos setores da sociedade brasileira têm se comportado, muitas vezes, de forma autoritária com os seus adolescentes, pois além de enxergá-los como pessoas violentas, ainda são encarados como pessoas sem vontades e sem fala, sendo esta substituída pela fala dos adultos, que lhes impõem regras e preceitos. Ocorrendo mais freqüentemente com os adolescentes usuários de drogas.

É hora de reconhecer o adolescente como cidadão que tem direito e capacidade de se expressar, que não é nem mais nem menos violento que o restante da população e, como foi dito, ele apenas vivencia situações de risco maior, visto que está em uma fase de vida que apresenta características próprias que, de certa forma, contribuem para que possa vivenciar algumas situações violentas. Porém, isso é bem diferente de afirmar que ser adolescente é sinônimo de ser alguém violento.

A violência que ocorre contra o adolescente é uma violência, muitas vezes, sem sangue, silenciosa e oculta, que não usa de força física, mas sim da máquina administrativa dos governos. Abuso de poder de instituições de amparo ao menor infrator ou em situação de risco, a tortura dos policiais e do tráfico de drogas, a negação e violação dos direitos humanos, discriminação racial de gênero e de opção sexual, exclusão social e, também, a intensa privação da liberdade de expressão, à qual jovens são submetidos.

Ao assistirmos adolescentes com o intuito de promover a intervenção, proteção e recuperação em situação de violência por abuso de drogas, devemos trabalhar alguns conceitos como: cidadania, justiça social, solidarie-

dade, saúde, educação, dignidade e dependência. Além de promover o esclarecimento do que a droga é capaz de fazer com o ser humano (dependência física e psicológica, tolerância), seus diferentes tipos de manifestações, o prazer que causa, tudo isso sem utilizar a pedagogia do medo.

REFLEXÕES FINAIS

Durante esta reflexão, nos deparamos com uma imensa dificuldade em encontrar estudos que revelem algo sobre a temática da dependência química com adolescentes, tanto por se tratar de escassez de literatura, como por estudos permeados de uma linguagem preconceituosa, tradicionalista.

Nesse processo, encontramos conceitos específicos (drogas, uso e/ou abuso de drogas, dependência química, toxicologia social e adolescência) que são imprescindíveis ao cotidiano docente e assistência ao dependente químico adolescente. A apreensão destes pelos alunos e profissionais de saúde traz contribuições diretas para a prática no âmbito da dependência química.

Essa problemática tem um alcance amplo, envolvendo o indivíduo, família, contexto socioeconômico e cultural. Portanto, almejamos ter despertado atenção dos leitores pelo tema, resultando em um maior número de pessoas que passem a se preocupar com a saúde mental e física dos adolescentes. Afinal, depositamos neles o futuro político de nossas nações, a preservação ecológica do planeta, a conservação da espécie humana e a esperança de diminuir a desigualdade social, a violência, o racismo e o preconceito, quando, certamente, a humanidade passará a viver mais harmoniosamente e feliz.

Como vemos, a adolescência é uma faixa etária bastante vulnerável, tanto pelas características próprias da idade, como por fatores provenientes do mundo exterior, entre eles: inexperience do adolescente em lidar com os próprios sentimentos e com os do parceiro; ausência de determinadas habilidades, tais como a tomada de decisão, assertividade, comunicação; apelos da mídia e cobranças da sociedade, entre outras, o que torna o adolescente mais vulnerável ao uso de drogas.

Essa aproximação conceitual servirá para subsidiar estudos futuros, procurando sempre apreender melhor essa problemática, e atuar de modo eficaz, ajudando os adolescentes a lidarem melhor com as questões relativas às drogas psicoativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Carlini EA. et al. IV levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º grau em 10 capitais brasileiras. São Paulo: UFSP/CEBRID, 1997.
2. Moraes LMP. Adolescentes institucionalizados e sua relação com as drogas: uma abordagem de inspiração sociopoética. [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Fortaleza(CE): Departamento de Enfermagem, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem da Universidade Federal do Ceará, 2003.
3. Minayo, MCS, Deslandes SF. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. Cad. Saúde Pública, 1998 jan/mar; 14(1):35-42.
4. Aluani, EP. Drogas: classificação e efeito no organismo. Mundo Saúde, 1999 jan/fev; 23(1):20-3.
5. Ministério da Saúde(BR). Normas e procedimentos na abordagem do abuso de drogas. Brasília: Secretaria Nacional de Assistência à Saúde; 1991.
6. Charbonneau PE. Drogas: prevenção, escola. São Paulo: Paulus; 1988.
7. Ministério da Saúde(BR). Adolescência e drogas: uma metodologia de trabalho preventivo em DST/AIDS e uso indevido de drogas. São Paulo, 1999. 75p.
8. Oliveira LAC. Perfil do dependente químico ontem e hoje. Mundo Saúde, 1999 jan/fev; 23(1):24-7.
9. Pereira SM. Adolescência e Consumo de substâncias psicoativas: riscos e reflexos para a vida futura. In: Ramos FRS, organizador. *Adolescer: compreender, atuar, acolher*. Brasília(DF): ABEn/Projeto Acolher; 2001. 304p. p.112-120.
10. Oga S. Fundamentos de toxicologia. São Paulo: Atheneu; 1996. 515p.
11. Cury M. Drogas: sociedade em alerta. Cidade Nova, 2001 mar; 43(3):18-9.
12. Tiba I. Dilemas da adolescência – drogas. In: Fagundes JO et al. *Amor e sexualidade – a resolução de preconceitos*. 2. ed. São Paulo: Gente; 1994. p. 53-85.
13. Muza GM. et al. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (BRASIL). II – Distribuição do consumo por classes sociais. Rev. Saúde Pública 1997; 31(2):163-9.
14. Petrilli Filho JF, Bueno SMV. Uso de substâncias psicoativas entre michês: subsídios para análise de sua vulnerabilidade às DST/AIDS. In: LUIS MAV, Santos MA. et al. *Uso e abuso de álcool e drogas- Trabalho apresentado no VI Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental e V Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica*. Ribeirão Preto(SP): FIERP-EERP-USP/FAPESP; 2000. v.1. p.229-36.
15. Leal RB. Proposta pedagógica para adolescentes privados de liberdade: reflexões iniciais. Fortaleza: UNICEF; 1998. 25 p.
16. Oliveira, MVASC. Educação popular em saúde para além das palavras: um encontro com o sentir. In: Rodrigues LD, Vasconcelos EM, organizadores. *Novas configurações em movimentos sociais – Vozes do Nordeste*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB; 2000. p. 95-115.
17. Secretaria do Trabalho e Ação Social(CE). *Fundo de Populações das Nações Unidas – FNUAP. Projeto amor à vida. Manual do multiplicador: Gênero, advocacy e família*. Fortaleza, 1997. 64p.
18. Sudbrack, MFO, Seidl EMF, Costa LF. *Prevenção ao uso indevido de drogas: diga SIM à vida*. Brasília: CEAD/UnB; SENAD/SGI/PR, 2000. v. 2.
19. Spenlé AMR. *O adolescente e o seu mundo*. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades; 1995.
20. Ferwick E, Smith P. *Adolescência: guia de sobrevivência para pais adolescentes*. São Paulo: Ática; 1996.
21. Dolto F. *A causa dos adolescentes*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.
22. Brenes LFV, Hammes MF, Solé MTV, Hein R, Ramil, KAA. Drogas ilícitas entre universitários. Rev.AMRIGS, 986 abr/jun; 30(2):140-3.